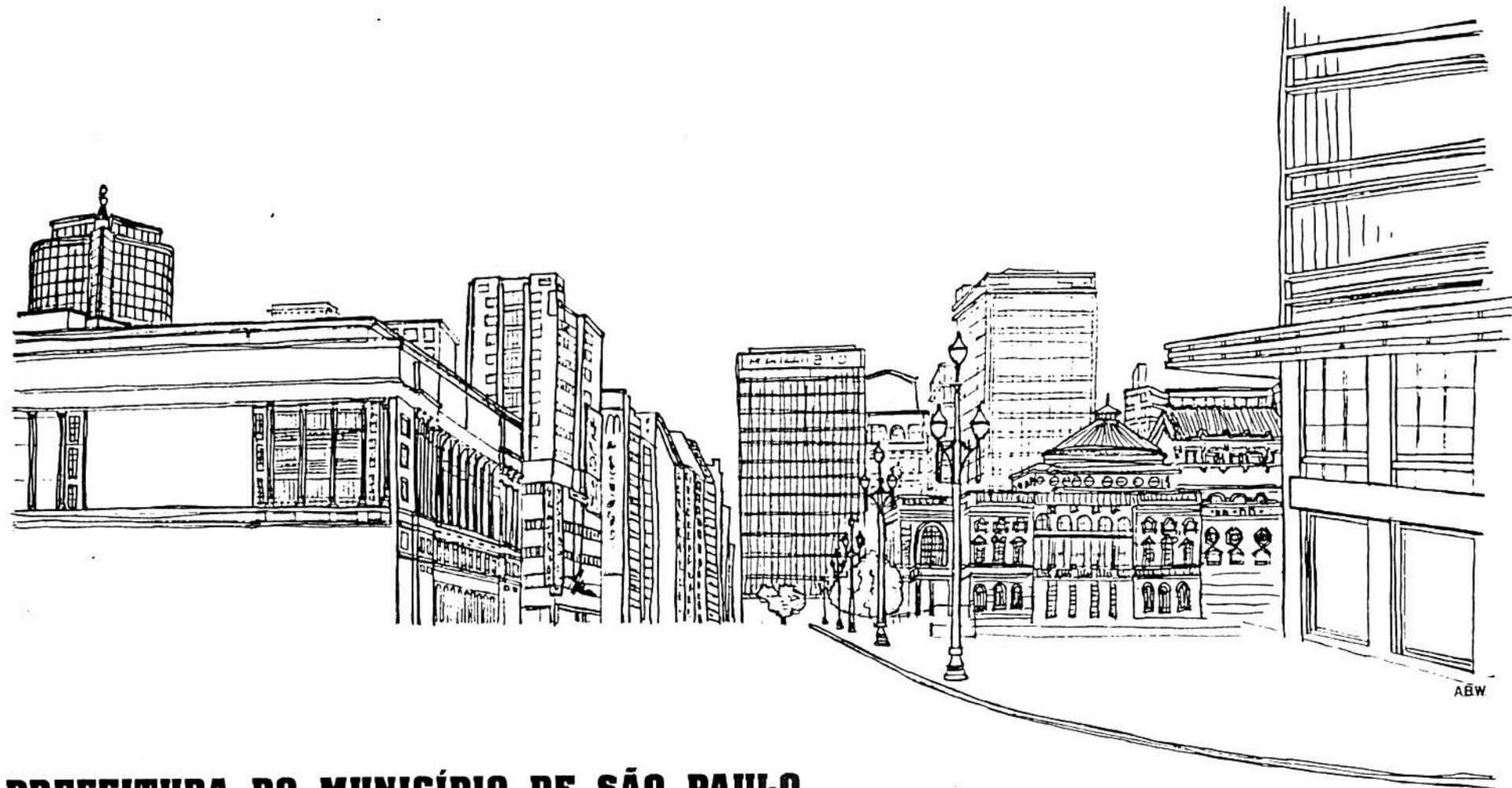


EIXO SÉ - AROUCHE

PROGRAMA PILOTO DE ORDENAÇÃO DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

SMC/SEHAB/SEMPA/SSO/SAR

PROGRAMA PILOTO DE ORDENAÇÃO DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL



EIXO SÉ - AROUCHE

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA - D.P.H.
SECRETARIA DA HABITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO URBANO - C.P.P.U.
SECRETARIA MUNICIPAL DO PLANEJAMENTO - DENUSO
SECRETARIA DE SERVIÇOS E OBRAS - DEPAVE
SECRETARIA DAS ADMINISTRAÇÕES REGIONAIS - AR-SÉ



INTRODUÇÃO

A necessidade de se promover a ordenação da paisagem urbana detectada em diagnóstico e proposta apresentada pela assessoria técnica da C.P.P.U. (Comissão de Proteção à Paisagem Urbana) do Núcleo Regional de Planejamento da Regional da Sé deu origem ao trabalho que apresentamos a seguir.

Essa intervenção, centrada em área restrita, porém emblemática, tornou-se prioritária já que seus princípios coadunam-se com os princípios básicos norteadores da atual administração, qual seja, a recuperação da qualidade de vida e das condições para o exercício da cidadania.

A implementação do programa vinha de encontro também à postura administrativa da transformação da atuação das AR's, de órgãos voltados a atendimentos de emergência a órgãos onde são articulados o planejamento e a gestão da cidade, integração esta que é fundamental à consolidação das Sub-Prefeituras previstas na Lei Orgânica do Município de São Paulo.

É importante entender que a recuperação da qualidade de vida e do ambiente urbano não pressupõe intervenções físicas transformadoras do espaço, mas sim a valorização e revitalização do que já existe, muitas vezes oculto ou imperceptível. Trata-se portanto de ordenar o existente, eliminando-se os excessos que deturpam a paisagem subjacente onde perduram elementos da referência das próprias transformações que a cidade sofreu ao longo de sua história.

Os procedimentos deste programa de ordenação da paisagem pretendem também servir de subsídios para a implantação de programas semelhantes em outras áreas da cidade, buscando-se uma equivalência de qualidade de ambiente urbano.

A concretização do Programa de Ordenação do Eixo SÉ-Arouche depende de duas condições básicas: 1) o compromisso de uma perfeita integração dos órgãos públicos que atuam no espaço da cidade. 2) a participação da comunidade, tanto pelas contribuições de entidades de classe, associações de moradores e usuários, como também pela participação dos comerciantes da área delimitada. Para esta segunda condição estarão abertos canais de comunicação direta entre comunidade e administração municipal.



1. APRESENTAÇÃO E DIAGNÓSTICO



1.1 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO

LARGO DO AROUCHE

PRACA DA REPUBLICA

PC RAMOS DE AZEVEDO

PRACA DO PATRIARCA

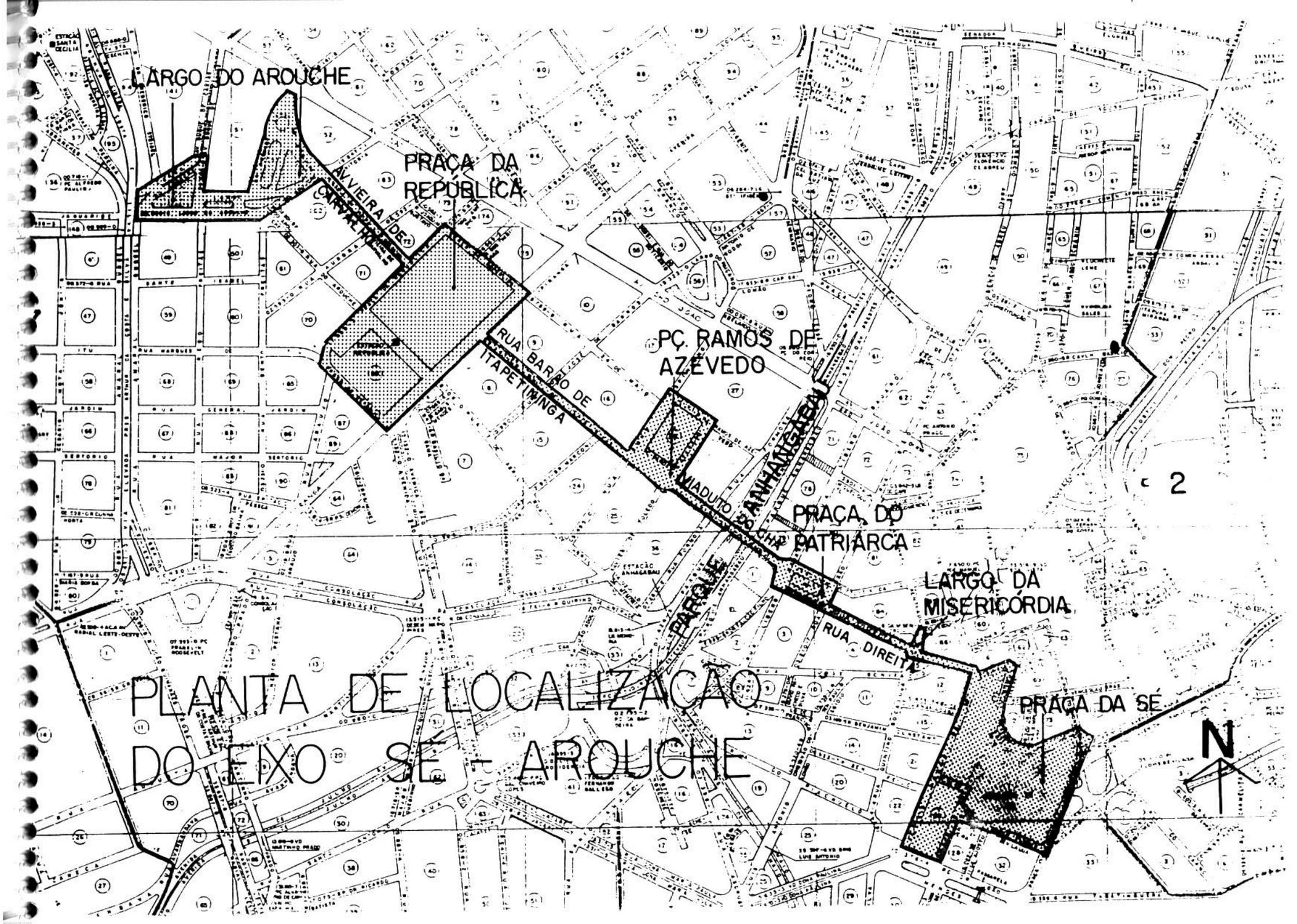
LARGO DA MISERICORDIA

PRACA DA SE



2

PLANTA DE LOCALIZACAO DO EIXO SE - AROUCHE



1.2- PROJETO SÉ-AROUCHE

Para quem se utiliza da Área Central de São Paulo, diariamente ou eventualmente, é flagrante a dificuldade de se encontrar pontos de referência, marcos de paisagens que funcionem como elementos de identificação da cidade ou de orientação. A transformação da cidade, a dispersão de elementos significativos, o acúmulo de informações publicitárias sobrepostas às fachadas, a quantidade de equipamento e mobiliário urbano dispostos aleatoriamente, a alteração desordenada dos espaços públicos e privados e a utilização dos mesmos são os componentes desta "máscara" que impossibilitam a percepção da paisagem da cidade.

Essa dificuldade de se orientar, de se "ver" a cidade, criou a imagem difundida de São Paulo, a imagem de uma cidade sem rosto, sem caráter próprio, onde os espaços são desprovidos de qualquer atrativo, enfim, uma cidade feia e alheia. O centro da cidade tornou-se apenas um espaço de passagem onde se vai trabalhar ou fazer compras, mas onde raramente se vai passear, olhar, fruir.

No entanto, para o observador atento, a imagem da cidade não é bem esta. É possível, olhando-se com vagar, ir redescobrir a verdadeira "cara" da cidade. Ainda subsistem, emergindo da parafernália urbana, marcos importantes de paisagem a serem convenientemente valorizados, prédios cujas fachadas expressivas servem como pontos de referência, edifícios histórico, ambiental e arquitetonicamente importantes, ruas onde persistem ambientes do início do século, visuais que permitem perceber a estruturação do espaço da Área Central.

Existem, sobretudo, entre o ir e vir dos passantes, diversas formas de uso do espaço: alguns que persistem ao longo do tempo, apesar das dificuldades de se manterem, como o uso contemplativo das praças centrais e outros que se estabelecem precariamente, como os grupos musicais, ambulantes e artesãos que se encontram na Área Central.

Um primeiro diagnóstico sobre o potencial e as condições da Área Central foi feita pelo Departamento do Patrimônio Histórico - DPH, da Secretaria Municipal de Cultura, durante a elaboração do Inventário Geral do Patrimônio Histórico Ambiental Urbano da Cidade de São Paulo - IGEPAC - SP. Estudando esses dados e aprofundando as análises da área, através de outros levantamentos, a CPPU - Comissão de Proteção à Paisagem Urbana, da Secretaria da Habitação e Desenvolvimento Urbano, a administração Regional da Sé, o DPH, o DENUSO da Secretaria Municipal de Planejamento, o DEPAVE da Secretaria de Serviços e Obras, optaram por estabelecer um Programa-Piloto de ordenação da paisagem e adequação de seu uso na Área Central.

O objetivo desse Programa Piloto é dar início à implantação de uma política de atuação na zona central visando a sua revalorização. O Programa-Piloto prevê uma ação integrada dos diversos órgãos que atuam na Área Central, objetivando, como já foi dito, ordenar o espaço urbano e valorizar o potencial da área escolhida, propiciando melhores condições para os usos existentes e aqueles a serem incentivados.

A área escolhida para a implantação do Programa-Piloto caracteriza-se pela sucessão de espaços lineares de circulação (ruas), entremeados por praças e largos, e é definida por um eixo que se inicia na Praça da Sé, segue pela Rua Direita, passando pelo Largo



da Misericórdia, Praça do Patriarca, Viaduto do Chá, Praça Ramos de Azevedo, Rua Barão de Itapetininga, Praça da República, Av. Vieira de Carvalho e chega até o Largo do Arouche.

A escolha desse Eixo deu-se principalmente em função de seu caráter emblemático, pelo seu alto potencial simbólico. Com efeito, inicia-se na Praça da Sé, o "cuore" da cidade, o ponto que é identificado pela população como o "centro", o "início", embora, historicamente, a fundação da cidade tenha se dado não exatamente neste ponto, mas ao lado, no pátio do colégio jesuítico. A Praça da Sé constituiu-se, desde os seus primeiros tempos, em área simbólica onde se estabeleceu primeiramente a matriz, depois elevada à catedral, isto é, a representação maior do catolicismo numa cidade que se formou em torno de conventos (não só os jesuítas, mas também os franciscanos, os carmelitas e os beneditinos se estabeleceram aqui nas primeiras décadas da fundação de São Paulo). Este simbolismo vale também para os migrantes, principalmente nordestinos que transformaram a praça no local de encontro de conterrâneos, principalmente dos que acabam de chegar na cidade. Aí se dão os reencontros, os novos conhecimentos, trocam-se experiências e aprende-se a viver na cidade grande. Em função disto, a Praça da Sé centraliza um grande número de usos espontâneos que se mostram resistentes às diversas formas de repressão e descaracterização a que têm sido submetidos ao longo dos últimos anos.

A sequência do Eixo é a Rua Direita, que passa pelo Largo da Misericórdia, um dos espaços mais antigos da cidade e que mantém a sua configuração original, documentada nos mapas do início do século XIX. Neste largo situava-se o primeiro chafariz da cidade, onde a população se abastecia de água potável.

A Rua Direita, antiga Rua Direita de Santo Antônio, unia a igreja de Santo Antônio, primeiro estabelecimento franciscano em São Paulo (início do século XVII), com Praça da Sé. É uma das ruas mais antigas da cidade. Seu cruzamento com a Rua São Bento era o único cruzamento ortogonal da cidade e formava o famoso "quatro cantos" do período colonial. Atualmente, é uma das ruas de fluxo de pedestres mais intenso do centro. Conserva ainda uma predominância de gabaritos baixos e tem visuais significativas tanto da Praça da Sé como da encosta do Vale do Anhangabaú e do chamado Centro Novo.

A Praça do Patriarca, ponto seguinte do Eixo, é área relativamente recente pois data das décadas de 10 e 20 do século atual. seu valor está nos seus fechamentos, compostos de edifícios de importância histórico-arquitetônica e em sua relação espacial com o Vale do Anhangabaú, desde o Viaduto Jacareí até o viaduto Santa Ifigênia, permitindo magníficas aberturas visuais da Praça Ramos de Azevedo e de Teatro Municipal.

O conjunto Praça do Patriarca, Viaduto do Chá, Praça Ramos de Azevedo, assim como o espaço que se expande em sentido transversal, representado pelo Vale do Anhangabaú, é uma das áreas de maior potencial da Zona Central, por sua qualidade de paisagem, seu significado histórico e capacidade de propiciar usos diferenciados.

O trecho seguinte do Eixo é a Rua Barão de Itapetininga, antiga Rua Nova do Chá, aberta em 1.875 no chamado Centro Novo, onde uma sequência de belas construções define um espaços cujos pontos focais são duas áreas abertas: o conjunto já citado, da Praça Ramos de Azevedo, Praça do Patriarca e Vale do Anhangabaú e, no outro sentido a Praça da República e seu arvoredado. É rua também de grande circulação de pedestres, espinha dorsal da área comercial do



Centro Novo.

A Praça da República, logradouro pré-existente à ocupação do Centro Novo, antigamente conhecida como Largo dos Curros, onde se realizavam touradas, cavalcadas e espetáculos circences no século XVIII e XIX, conserva seu desenho paisagístico do início deste século, seu magnífico arvoredado e o uso contemplativo, já quase que totalmente erradicado das outras praças da Área Central.

O trecho seguinte do Eixo, Av. Vieira de Carvalho, antiga Rua do Pocinho, é um prolongamento dos usos comercial e serviços existentes no outro lado da Praça da República, mas acrescido de um expressivo número de restaurantes e casas de lanches nesta via e no Largo do Arouche.

Existem, nesta espaçosa avenida e no largo, elementos significativos que configuram uma paisagem homogênea e aprazível de caráter diferenciado do restante da Área Central. Aqui predominam os gabaritos altos contrabalanceados pela generosidade dos espaços livres. A presença de vegetação arbórea ao longo da avenida contribui também para a sua caracterização.

O tratamento paisagístico do Largo do Arouche, conhecido anteriormente como Praça da Legião ou dos Milicianos, é relativamente recente, datando da gestão Prestes Maia mas bastante antiga a sua configuração como espaço livre: tratava-se de um antigo campo de tiro, remanescente da chácara do Gal. Arouche, em cuja propriedade situava-se uma fonte natural, o tanque do Arouche, onde parte da população se abastecia de água potável.

Atualmente o largo é sub-utilizado como espaço aberto, apesar de suas magníficas condições paisagísticas e de sua situação privilegiada.

DIAGNÓSTICO

Analisando a área escolhida, verifica-se que seu potencial, suscintamente apontado no item anterior, é apenas parcialmente perceptível, face às interferências que obstruem ou impossibilitam a percepção dos componentes significativos da paisagem.

Essas interferências estão relacionadas a seguir:

Elementos publicitários compostos de: placas, painéis, anúncios luminosos, situados principalmente nas fachadas de edifícios e nas empenas cegas existentes. Estão presentes em toda área, com graus diferentes de concentração.

Mobiliário e equipamento urbano que por sua concentração ou localização comprometem visuais ou imóveis de interesse. Entende-se por mobiliário urbano: as bancas, quiosques, relógios digitais, caixas de correio, bancos, telefones públicos, cestos de lixo; por equipamento urbano: luminárias, semáforos, fiação, postes, placas de identificação ou sinalização. Citamos, como exemplo, abrigos de ônibus e as bancas de revistas, na Praça do Patriarca, os quiosques da Polícia Militar na Praça Ramos de Azevedo e os quiosques do Anhembi na Praça da República.

É importante acrescentar que o mobiliário e equipamento urbano interferem também diretamente nos usos possíveis de serem incrementados pois, na área de estudo, a atual disseminação aleatória desses elementos produz espaços bastante fragmentados.

- Deterioração de edifícios: grande número de edifícios históricos, ambiental e arquitetonicamente importantes, encontram-se degradados e parcialmente descaracterizados,



necessitando urgentemente de recuperação e valorização de suas feições originais. Ex.: o conjunto formado pelos edifícios da antiga Farmácia Amarante e antiga Rádio Record, situados nas proximidades do Largo da Misericórdia, entre inúmeros outros.

A interferência na Paisagem Urbana representada por soluções arquitetônicas agressivas e deslocadas, tais como gabaritos conflitantes, cores berrantes, etc. A título de exemplo a garagem da Av. Vieira de Carvalho.

Intervenções urbanas de responsabilidade do poder público que, por suas características, obstruem visuais importantes ou atuam como elementos interferentes na percepção da paisagem. Como ex.: a saída da Galeria Prestes Maia, na Praça do Patriarca, que impede a visualização do Vale do Anhangabaú; as jardineiras de concreto sobrepostas às lajes do Metrô, na Praça da Sé; as jardineiras de paralelepípedos nas Praça da República; a construção que abriga o Mercado das Flores no Largo do Arouche, que rompe a unidade da Praça e interfere nas obras escultóricas lá existentes; alguns tratamentos de piso que dificultam a leitura da configuração de espaços significativos, como é o caso dos calçadões do Largo da Misericórdia.

Disposição aleatória de obras escultóricas que dificultam a sua percepção e a sua integração aos espaços circundantes. Como ex.: no

Largo do Arouche, a presença dos bustos da Academia Paulista de Letras ajuda a encobrir uma obra importante, a escultura "Depois do Banho", de Victor Brecheret, os bustos originalmente existentes disputam espaço com uma série de outros que lá foram introduzidos sem nenhum critério de localização.

Presença de vegetação de porte incompatível com os componentes da área. É o caso de parte da vegetação do Largo do Arouche, Praça Ramos de Azevedo e Praça da República.

CONCLUSÃO

O conjunto dessas interferências constitui um problema complexo que exige uma abordagem integrada. A revalorização dos espaços do Eixo passa necessariamente pela eliminação ou ordenação dos elementos que interferem na sua percepção. Consideramos que os espaços citados, ao serem ordenados e valorizados, possibilitarão a própria apreensão pelos usuários, tornando-se referências de identidade, permitirão o surgimento de usos variados, informarão aos transeuntes dados que irão possibilitar o exercício da cidadania através do estímulo à apropriação dos fatos da história da cidade, de sua construção e transformação presentes nos edifícios e traçados urbanos.



1.3 - FOTOS HISTÓRICAS

1.3- FOTOS HISTÓRICAS



Vista da Praça da Sé tomada da esquina da Rua XV de Novembro, em direção à Praça João Mendes, por volta do ano de 1.933. Ao fundo, no centro, as obras da Catedral. À esquerda, veêm-se os edifícios posteriormente arrasados pelas obras do Metrô, dentre os quais se destaca o famoso Palacete Santa Helena. À direita, edifícios comerciais erguidos ao longo da década de 20, alguns dos quais até hoje existentes, ora preservados ao nível municipal (imóveis Z8-200).



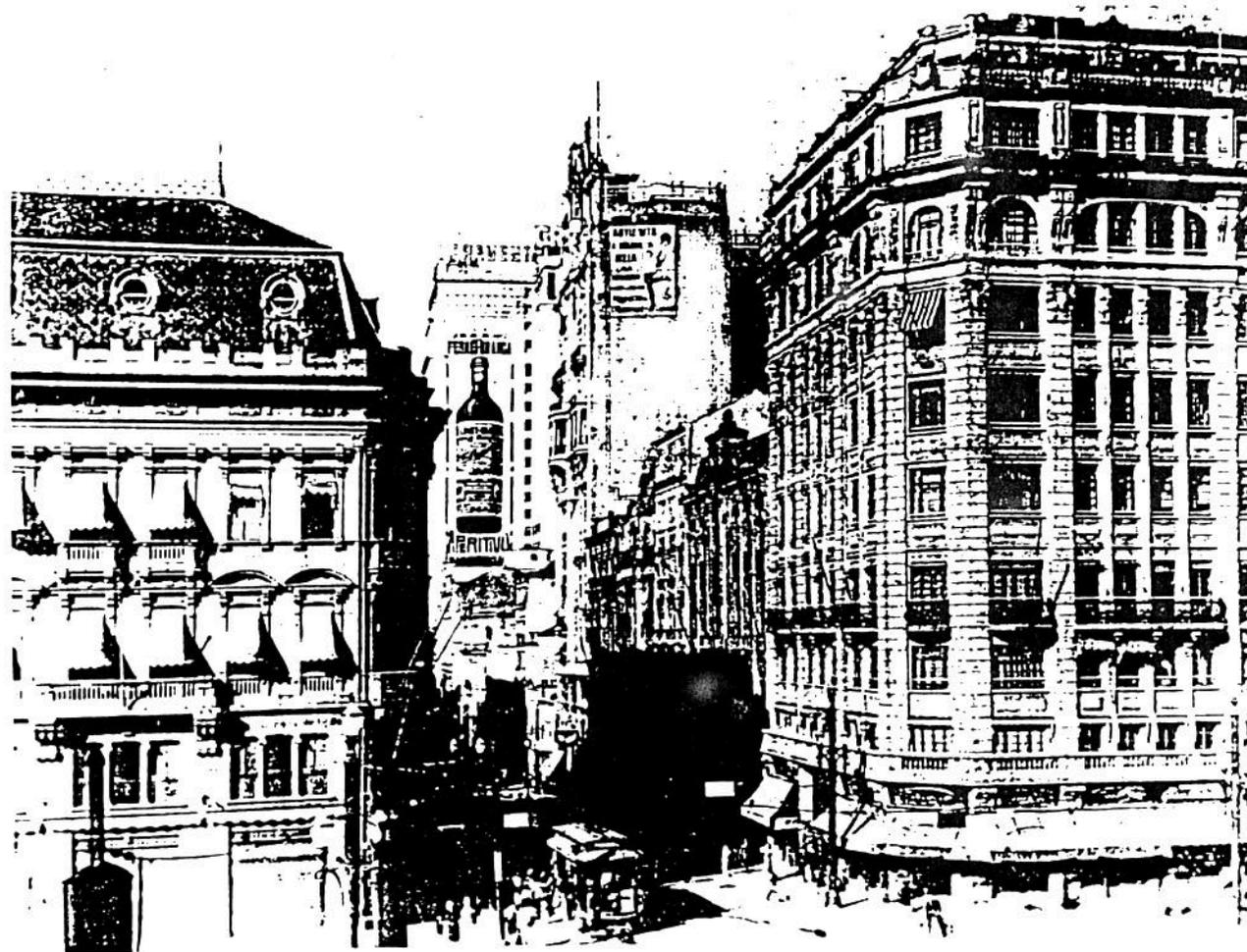
1.3- FOTOS HISTÓRICAS



Vista da Rua Direita, tomada por volta dos primeiros anos do século XX, de autoria de Gaensly. Ao fundo, à esquerda, a Igreja de Santo Antônio, hoje preservada ao nível estadual e municipal.



1.3- FOTOS HISTÓRICAS



Vista da Praça do Patriarca tomada em direção da Rua Líbero Badaró, entre 1.932 e 1.933. À esquerda, o prédio Conde Prates. Construído a partir de 1.913 e desaparecido no início da década de 50, fazia parte do conjunto monumental do Parque do Anhangabaú. Ao fundo, o prédio Martinelli, cuja empena ostenta um anúncio de Fernet-Branca.

Na Rua Líbero Badaró, o prédio com um anúncio de meias afixado na parede lateral, é o Sampaio Moreira; em primeiro plano, à direita, um dos edifícios da Praça do Patriarca, construído logo após a abertura desse logradouro no princípio da década de 20. Todas essas construções estão hoje preservadas ao nível municipal (Z8 - 200).

1.3- FOTOS HISTÓRICAS



Vista do antigo Viaduto do Chá e Parque do Anhangabaú, tomada por volta de 1932. À esquerda, ao fundo, o Edifício Mackenzie; ao centro, o Teatro Municipal, ambos tombados ao nível estadual. À direita, o antigo Hotel Esplanada e imediatamente à esquerda do teatro, o Prédio Glória, ambos preservados ao nível municipal (Z8 - 200).

Quanto ao jardim da Praça Ramos de Azevedo, mantém as características do criado originalmente por Bouvard na década de 10. Mutilado pela construção do novo Viaduto do Chá (1936 - 1938), acha-se prejudicado pela recente instalação das saídas do sistema de ar condicionado, introduzido no Teatro Municipal (1987).

1.3- FOTOS HISTÓRICAS



Vista da Praça da República, tomada por volta dos primeiros anos do século XX, de autoria de Gaensly. O paisagismo atual é remanescente do observado na foto. Executado durante a gestão Antônio Prado (1.898/ 1.910), notabilizava-se por sua índole marcadamente romântica e pelo fato de ser o primeiro ajardinamento e não recorrer ao gradeamento do logradouro.



2.1- ANÚNCIOS

Ordenação Visual: Praça Ramos de Azevedo

Um dos pontos mais dramáticos em termos de poluição visual é representado pela Praça Ramos de Azevedo. Impressiona a quantidade de mobiliário urbano ali instalado. Uma reordenação da paisagem é imprescindível no local.



2.1- ANÚNCIOS

Ordenação Visual: Praça Ramos de Azevedo

Um dos pontos mais dramáticos em termos de poluição visual é representado pela Praça Ramos de Azevedo. Impressiona a quantidade de mobiliário urbano ali instalado. Uma reordenação da paisagem é imprescindível no local.







2.1- ANÚNCIOS

Ordenação Visual em Imóveis Protegidos ou de Interesse de Preservação

A desobstrução visual desses imóveis de modo a manter as características arquitetônicas e os elementos decorativos da fachada com a menor interferência possível e orientada através de projeto específico fornecido ao proprietário. O conjunto arquitetônico da foto pertence a Praça do Patriarca e está protegido por Z8-200.







2.2 - Intervenções Físicas e Vegetação

Praça da República

Duas opções existem, a nosso vêr, para a Praça da República: restaurá-la em seu projeto original ou ser objeto de projeto completamente novo. De qualquer forma, a EMEI aí existente deve ser transferida para fora da praça.

Rua Barão de Itapetininga

O piso da Rua Barão de Itapetininga, dentre todas as ruas de pedestres, é o que se encontra em melhor estado de conservação.

Algumas árvores têm porte inadequado, prejudicando a circulação e a visibilidade através da rua como por exemplo o *Ligustrum* sp - "alfeneiro". De um modo geral as sibipirunas e os pau-ferro são as que mais se adequaram à rua, apesar de que algumas plantas devam ser removidas devido ao seu desenvolvimento precário.

Seria desejável o plantio de árvores de maior porte para evitar os inconvenientes que, atualmente, se observam nas ruas de pedestres. Um maior cuidado com a drenagem seria necessário, já que se constata a existência de muitas grelhas entupidas.

Praça Ramos de Azevedo

Acreditamos que a Praça Ramos de Azevedo deveria ser destinada em sua totalidade aos pedestres com a eliminação da circulação de veículos em torno do Teatro Municipal.

No projeto de restauro desenvolvido pelo Departamento do Patrimônio Histórico previu-se um restaurante que poderia ter um bar com mesas na calçada da fachada do Teatro, ao lado do Vale do Anhangabaú.

A locação de um maciço arbóreo deveria dar-se mais próxima à fachada da loja Mappin, liberando a visual da fachada principal do Teatro Municipal. Os "tachizeiros" (*Triplaris* sp.) aí localizados mostram-se árvores de porte e crescimento inadequados às ruas de pedestres.

A passagem de pedestres sob a Rua Xavier de Toledo, merece um estudo de revitalização específico, pois embora esteja em boas condições de conservação, encontra-se totalmente ociosa não sendo utilizada nem para travessia dos pedestres.

Praça do Patriarca

A Praça do Patriarca deveria ser totalmente pedestrianizada. Um reestudo dos acessos à galeria Prestes Maia deveria liberar as visuais sobre o Viaduto do Chá/Praça Ramos de Azevedo e vice-versa. Um problema sério que se verifica no local é sua utilização como terminal de ônibus, pois isto gera um carregamento de tráfego desproporcional e inadequado àquele espaço.

Rua Direita e Largo da Misericórdia

Aqui já se notam os problemas do piso das ruas de pedestres. Esses pisos encontram-se esburacados, tendo-se revelado inadequados plástica e funcionalmente. Repensá-los e repensar os problemas de drenagem é urgente e necessário.

3. ESTUDO DE CASO: LARGO DO AROUCHE



3 - ESTUDO DE CASO : LARGO DO AROUCHE

3.1- EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO ESPAÇO

Delineado conjuntamente com o arruamento executado pelo Marechal Rondon no Morro do Chá por volta do princípio do século passado, o largo do Arouche, denominado Praça da Legião em documento de 1.811, foi criado para a realização de exercícios militares.

Situado no arrebalde da cidade em frente à Chácara do Marechal, por ali se deixava a cidade rumo a noroeste, a caminho de Campinas e Cuiabá. Por várias décadas no limite da área urbanizada, foi finalmente a ela incorporado, nos últimos anos do século XIX, quando foram feitos os loteamentos que deram origem aos bairros de Vila Buarque, Higienópolis e Santa Cecília.

Na planta da Companhia Cantareira De Esgotos (1.881) aparece anexada ao largo original de forma retangular uma área trapezoidal, responsável pelo aspecto peculiar que durante muito tempo apresentou o logradouro, formado por dois espaços interligados praticamente independentes. Cronistas do início do século registraram usos diversificados nesses dois espaços, ressaltando a famosa feira-livre do Arouche que desde 1.914, se instalou em uma parte mais antiga e que

foi a segunda feira-livre a funcionar na cidade.

Grande transformação ocorreu durante a gestão Prestes Maia, no início dos anos 40. A parte alta acabou totalmente remodelada graças à sua conexão com o anel de circulação criado para envolver o centro da cidade, o Perímetro de Irradiação, representado naquele trecho pela recém - ampliada avenida Ipiranga. Na ocasião foi alargada a Rua Vieira de Carvalho (responsável pela ligação do largo com a Praça da República), criada a rótula, onde mais tarde seria instalada a réplica da escultura de Otávio de Prima Porta (transferida, dizem, de uma praça desaparecida com a abertura da R. Martins Fontes), e no meio de um dos canteiros implantados a bela escultura de Brecheret intitulada "Depois do Banho", como parte da política de educação estética do povo paulistano empreendida pelo prefeito Prestes Maia. Apesar das modificações ocorridas em anos posteriores as linhas gerais do largo nesse ponto ainda são basicamente as mesmas.

Apesar de renovado, o Largo do Arouche ainda apresentava naqueles dias o ar pacato de bairro, rodeado de antiquado casario, embora já fosse mencionado desde a década de 30 como integrante da zona central. É a partir da década de 50 que essa integração se dá de modo definitivo, já estando as imediações do largo intensamente verticalizadas no início da década. Nessa época, instalou-se na parte mais alta do largo o primeiro mercadinho de flores.

Em tempos mais recentes, com a paulatina retirada das classes de maior poder aquisitivo da Área Central, o Largo do Arouche, como todo o Centro, deixa de receber os cuidados que até então lhe eram devotados. As intervenções no espaço público perderam em qualidade, só contribuindo de fato para prejudicar esteticamente o que já estava feito.

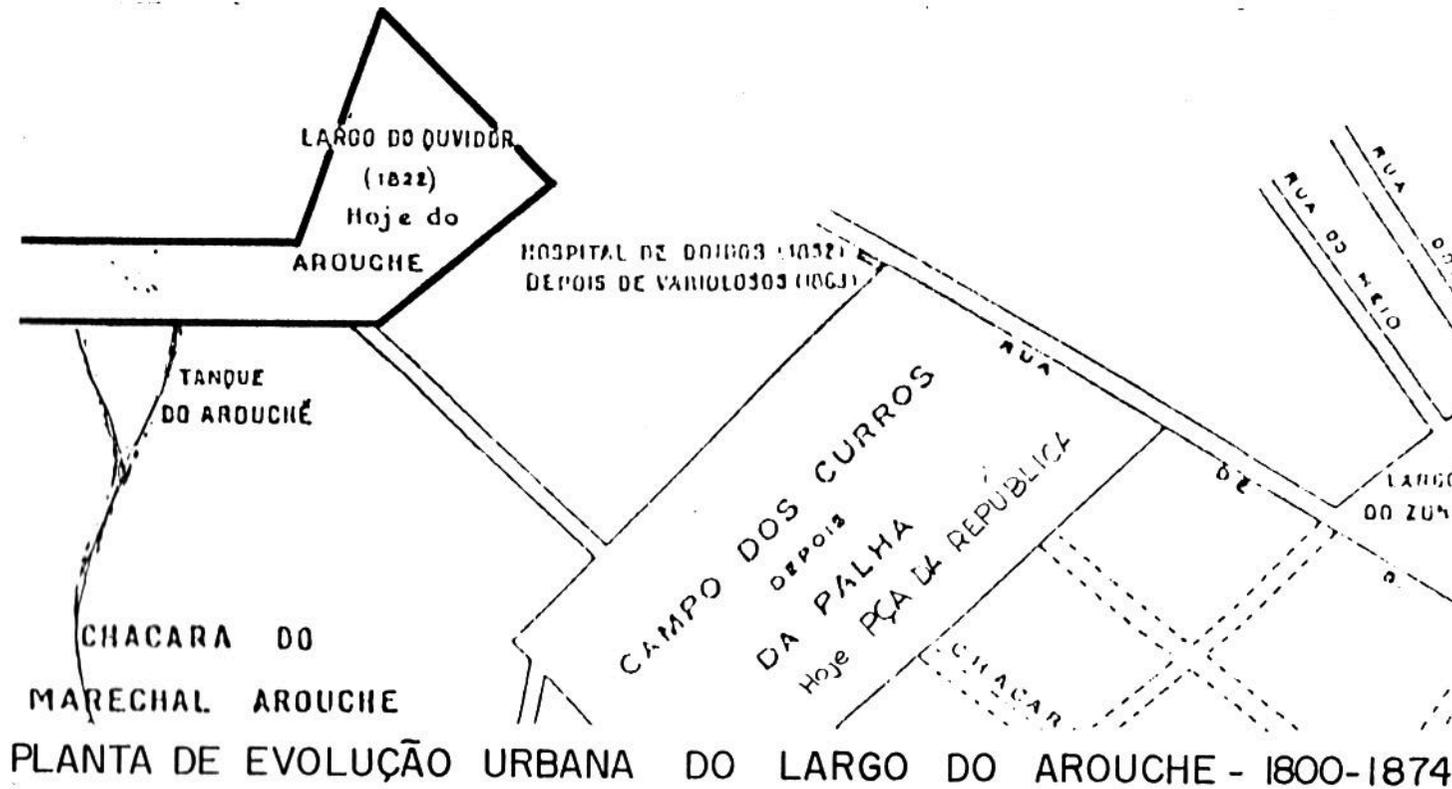


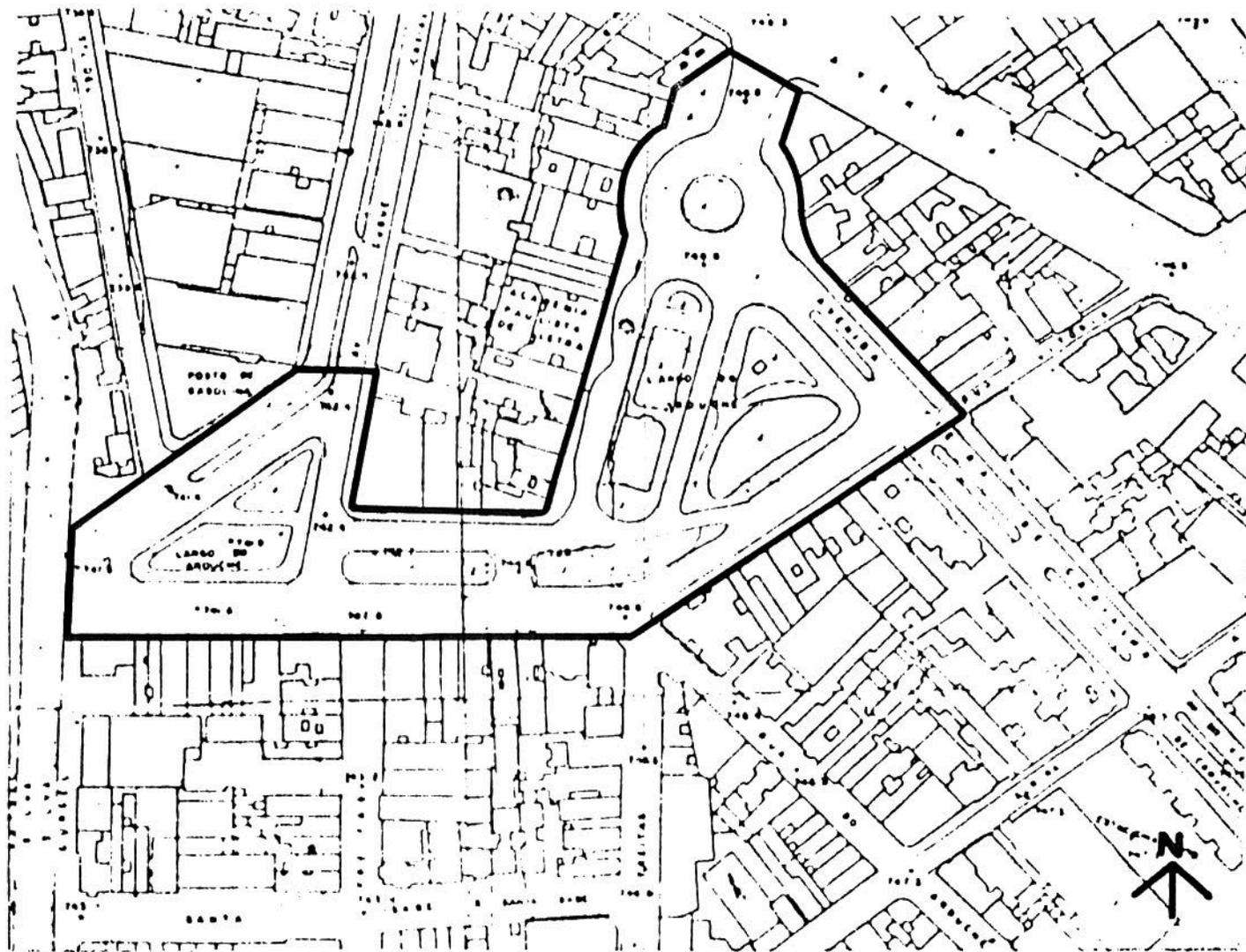
3.2- MAPAS DE EVOLUÇÃO URBANA



CIDADE DE SAO PAULO

1800-1874





PLANTA DE EVOLUÇÃO URBANA DO LARGO DO AROUCHE - 1980

3.3 - Análise Ambiental

A análise ambiental do Arouche empreendida pelo IGEPAC - Centro Novo, reconheceu três ambientes distintos na conformação atual daquele espaço.

O primeiro é a parte mais característica, onde predomina a alta e densa vegetação arbórea, plantada em canteiros entremeados de caminhos sinuosos. O trânsito na área é de pequena intensidade e o terreno praticamente plano, o que contribui para a manutenção de seu caráter unitário. Os problemas ambientais são representados pelo excesso de obras escultóricas dispostas sem critério, pelo mercado de flores, de grande porte, erguido em plena área ajardinada e por espúrios canteiros de paralelepípedos.

O segundo ambiente, que corresponde à parte original do largo, compõe-se de dois trechos: um guarda ainda relação com o ambiente anteriormente descrito, o outro totalmente alterado pelas obras do Metrô, consiste numa laje que circunda um respiradouro, tendo nas laterais e nas extremidades canteiros altos com arvoretas e arbustos. No primeiro trecho, árvores de porte médio com copas transparentes criam uma ambientação diferenciada com relação ao primeiro ambiente, de vegetação mais densa. As ruas que desembocam neste trecho e o tráfego mais intenso também são obstáculos à integração entre esta área e o primeiro ambiente. No segundo trecho o relevo é quase íngreme, declinando em direção ao terceiro ambiente.

Este, por sua vez se localiza em terreno plano na área entre a Av. Duque de Caxias e ao elevado Costa e Silva. Área de conformação triangular, sua origem é contemporânea à construção do elevado. Na

parte central existe um play-ground cercado e mal conservado, provido de árvores, sobretudo na face voltada para o lado ímpar do largo. É a região mais isolada, em função de sua localização periférica e por se achar cercada de vias de intenso tráfego que dificultam sua utilização.

Quanto aos fechamentos visuais do Largo do Arouche só nas imediações do primeiro ambiente, na parte alta do largo, é que são significativos. Constituem-se de edifícios em geral de grande altura, mas que compõem corretamente com o largo e entre si.

Um dos trechos mais notáveis é o formado pela continuação da Avenida Vieira de Carvalho, na lateral do largo (ligação com a Avenida São João), onde o encurvamento das pistas que contornam a rótula é acompanhado pelas linhas das fachadas dos edifícios, em harmoniosa composição.

A lateral do logradouro que vai em direção à Rua Vitória, entre a Avenida Vieira de Carvalho e a Rua Bento Freitas também é extremamente relevante, em função do papel que alguns edifícios assumem na paisagem. É o caso do belo edifício art-decô, localizado na rua do Arouche, assim como dos dois prédios da década de 20 ou 30, situados no meio da quadra.

Duas outras importantes esquinas também participam dos fechamentos do largo: a esquina da Rua do Arouche com a Rua Rego Freitas e a esquina do largo que define a separação entre os dois trechos do segundo ambiente, já mencionados, ambas ocupadas por belas construções ecléticas dos primeiros decênios do século.

O restante dos fechamentos visuais, no segundo e terceiro ambientes são totalmente heterogêneos. O principal fechamento na área do



terceiro ambiente é o Elevado Costa e Silva, que marca negativamente a paisagem e destrói qualquer tentativa de integração entre o largo e as ruas que o circundam neste trecho.

Os problemas ambientais a serem enfrentados com relação aos diversos edifícios que circundam o logradouro constam fundamental-

mente de recobrimentos das fachadas por revestimentos de variada natureza e de anúncios publicitários, em número excessivo e de tamanho desmesurado quando instalados em empenas, o que ocasiona não só uma desagradável interferência no ambiente urbano, como também prejudica a fruição estética do valioso patrimônio arquitetônico existente no local.



4. ALTERNATIVAS DE INTERVENÇÃO NO LARGO DO AROUCHE



4- Alternativas de Intervenção no Largo do Arouche

4.1 - Proposta de Ordenação Visual:

Por meio de desenhos comparativos podemos ter uma idéia do efeito surpreendente que surtiria na paisagem urbana do Largo do Arouche e das imediações medidas relativamente simples, tais como: a remoção dos recobrimentos das fachadas dos edifícios (painéis) e um maior controle na instalação de anúncios, equipamentos e mobiliários urbanos.







Vanir de Souza



Av. Paulista - 1950 - São Paulo





Linia Kowalsky



EIXO SÉ - AROUCHE

4.2 - Proposta de ordenação de Anúncios.

(trecho do largo, na face da quadra entre a R. Vieira de Carvalho e R. do Arouche):

A ordenação dos anúncios do Largo do Arouche objetiva a valorização da arquitetura existente e da paisagem local através da adequação dos mesmos aos vãos e linhas das edificações. Analisou-se esta face de quadra e para a proposta, estudou-se edifício por edifício, buscando uma visão de conjunto.

Os anúncios propostos são luminosos ou iluminados, somente indicativos e apenas no pavimento térreo dos edifícios.

Estão previstos:

1 - Anúncio paralelo à fachada:

- a- quantidade: apenas um por vão de abertura (porta, vitrine);
- b- dimensões: largura de abertura x 60 cm (altura) x 20 cm de

saliência máxima;

c- localização: entre a porta e a marquise ou embutido na bandeira da porta (conforme croquis anexo).

2 - Anúncio em bandeira

a- quantidade: apenas um por estabelecimento (comercial ou serviço);

b- dimensões: 60 cm (altura) x 80 cm (largura) x 20 cm (espessura máxima);

c- localização: alinhados com os anúncios paralelos (mesma distância do solo) e a 10 cm da fachada.

3 - Anúncio em cobertura

a- apenas em edifícios com altura maior ou igual a 25 m

b- altura máxima do anúncio 1/10 altura edificação.



PROGRAMA PILOTO DE ORDENAÇÃO DA PAISAGEM DA ÁREA CENTRAL

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

LUIZA ERUNDINA DE SOUZA
PREFEITA

JOSÉ CARLOS PEGOLARO
SECRETÁRIO DAS ADMINISTRAÇÕES REGIONAIS

MARILENA CHAÚ
SECRETÁRIA MUNICIPAL DE CULTURA

LÚCIO GREGORI
SECRETÁRIO DE SERVIÇOS E OBRAS

ERMÍNIA MARICATO
SECRETÁRIA DA HABITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO URBANO

PAUL ISRAEL SINGER
SECRETÁRIO MUNICIPAL DO PLANEJAMENTO

VICENTE CARLOS Y PLÁ TREVAS
ADMINISTRADOR REGIONAL DA SÉ



EIXO SÉ - AROUCHE

PARTICIPARAM DESTES TRABALHOS:

COORDENAÇÃO GERAL
DECIO AMADIO

COORDENAÇÃO TÉCNICA
MIRTHES IVANY SOARES BAFFI

COLABORAÇÃO ESPECIAL

YASSUKO TOMINAGA
CHEFE DA ASSESSORIA TÉCNICA DA CPPU

SÉRGIO LUIS ABRAHÃO
DIRETOR DE CADAN

LEILA REGINA DIEGOLI
DIRETORA DA DIVISÃO DE PRESERVAÇÃO - DPH

EQUIPE TÉCNICA

ANA BRAGANÇA WINTHER - AR-SÉ
CECÍLIA DE MOURA LEITE RIBEIRO - DPH

DECIO AMADIO - AR-SÉ

EUDES DE MELLO CAMPOS - DPH

EULER SANDEVILLE JUNIOR - CPPU

JOSÉ EDUARDO DE TOLEDO SILVA - SEMPLA

MIRTHES IVONY SOARES BAFFI - CPPU

PAULO CELSO DORNELLES DEL PICCHIA - DEPAVE

RICARDO DUALDE - AR-SÉ

VANIA LEWKOWICZ - DPH

VERA ILCE MONTEIRO DA CRUZ - DEPAVE

COLABORADORES

ANTONIO MIRANDA - DEPAVE

DENISE MARIA FASCHINI DE ALCÂNTARA - DPH

LAURA ANTUNES MACIEL - DPH

NELSON JOSÉ COSENTINO HATANARA - CPPU

SINEIDE MARQUES FERRAZ - CPPU

SYLVIA MARIA LUZ FRÉ - DENUSO/SEMPA

EDITORIAÇÃO

RICARDO DUALDE

ILUSTRAÇÕES

ANA BRAGANÇA WINTHER - AR-SÉ

VANIA LEWKOWICZ - DPH

PROJETO GRÁFICO DOS MAPAS

JOSÉ FLAVIO CURY - SEMPLA

ARTE FINAL

NECY DE FÁTIMA GUIMARÃES - SEMPLA

DESENHO

MARLUCE DE MELO DA SILVA - DEPAVE

JOSÉ LUIZ TELLES - SEMPLA

DIGITAÇÃO

CELESTE GUAITOLI - AR-SÉ

FOTOS HISTÓRICAS

ARQUIVO DO DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO

HISTÓRICO - S.M.C.

